



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Tahaiba - Lisboa • Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O CONGRESSO DE COIMBRA

Logo que o governo e a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro entenderem por bem abandonar a sua atitude de inexplicável intransigência perante as reclamações do seu pessoal, solucionando a gravíssima greve ferroviária, que, devido ao seu prolongamento, tanto tem complicado a situação económica, complicação em que, aliás, nenhuma responsabilidade tem os orientadores desse movimento, a comissão organizadora do II Congresso Operário Nacional, congresso a efectuar na pitoresca e histórica cidade de Coimbra, imediatamente marcará a data da sua realização.

Apesar dos sucessivos adiamentos que tem sofrido a data do Congresso, em nada esse facto o prejudicará na sua importância e importância, pois sindicatos que quando da data primitivamente fixada não deram a sua adesão por o pouco tempo que até ela mediava o tornar materialmente impossível, tem trazido o seu apoio à iniciativa da Central dos Sindicatos, aumentando sensivelmente o número dos agrupamentos que à magna assembleia de Coimbra concorrerão.

Com satisfação registamos a actividade que as associações tem desenvolvido para que o Congresso revista desuado brilho e o entusiasmo que a sua realização está despertando entre o proletariado, que com ansiedade aguarda as suas deliberações sobre questões de interesse magno, e que muito importam para o seu engrandecimento, para a melhoria da sua situação económica e para o robustecimento dos seus organismos de resistência. Vê-se, pois, que as classes trabalhadoras, abandonando resolutamente o seu proverbial indecisorismo, mostrando interesse nos actos dos mais altos organismos sindicais, começam a compenetrar-se na sua missão histórica, do papel primordial que tem a desempenhar na profunda transformação social que se está operando e que só pode ser indifferente a quem por completo desconheça a sua extensão e a importância que reveste, transformação que, mais do que a grande guerra, que em grande parte a motivou, será o maior acontecimento histórico de todos os séculos e de todas as civilizações.

Temendo, talvez, que as resoluções do Congresso de Coimbra em muito influam sobre os trabalhadores de todo o país, parecem os governantes dispostos a, por todos os meios, ainda os mais repugnantes e traiçoeiros, dificultar a sua realização. Nem de outra forma se compreende a perseguição injustificada e revoltante a vários militantes sindicais e a arbitrária detenção de muitos deles, violência esta que bastante tem indignado as massas populares que, vivendo arredadas da torva política dos burgueses e dos videirinhos, mantêm puro o sentimento da justiça. Se, como tudo faz presumir, é esse o intuito do governo, pode ele estar certo de que não conseguirá realizar, resultando improníveis todos os seus esforços. Obterá, quanto muito, um novo adiamento do Congresso, adiamento que nada o prejudicará, pois permitirá uma melhor coordenação dos trabalhos que nele serão presentes e uma mais sólida preparação dos delegados que a ele concorrerão. Será uma violência inútil e imbecil. Dela resultará, simplesmente, a certeza para nós, que abrigamos no coração a confiança absoluta no triunfo dos ideais que guiam os proletários para dias melhores, de que os homens que governam, embora seja mais ou menos vistoso o rótulo com se mascaram, só conseguem gerir os negócios públicos servindo-se do arbítrio e da violência.

O Congresso realizar-se há. Ele será a consagração da obra colossal que a U. O. N. tem realizado desde o Congresso Operário de Tomar, de onde saiu, obra esta a que ninguém pode deixar de prestar justiça, pois representa a unificação absoluta do operariado português, a criação de novos sindicatos, a conquista de regalias importantes e a criação de uma atmosfera de respeito e prestígio em torno da Central dos Sindicatos, atmosfera esta formada à custa de muita abnegação, de muito sacrifício individual e, também, do sangue de camaradas que em defesa dos seus direitos postergados, tombaram por terra, varados pelas balas da ordem burguesa e capitalista!

Coimbra marcará uma nova etapa para a organização operária. A U. O. N. desaparece, uma vez desempenhada

Após a revolução

Terminei o meu 3.º artigo desta série com considerações que são um formal desmentido a todas as afirmações dos inimigos do objectivo revolucionário. Tenho dezenas, centenas de argumentos em pró da minha tese, e só a falta de espaço deste jornal me impede de os exteriorizar. Um ponto interessante, a distribuição dos géneros armazenados na Comunidade, merece ser bem agitado, razão porque peço ao leitor que volte comigo a tratá-lo.

Suponhamos que a Comunidade constituída pelo actual concelho de Alentejo tem 5.000 habitantes. Suponhamos mais que, pela elaboração de uma conscienciosa estatística, chegámos à conclusão de que toda essa gente precisa de 500 moios de trigo para o consumo anual. Suponhamos ainda que um trabalho inteligente deu à Comunidade, na colheita desse ano, 800 moios do mesmo cereal. Averiguado que do consumo sobram 300 moios, o que fazer deles? Simplesmente: distribuí-los por outra Comunidade de falta desse precioso elemento. Que Comunidade há de ser? Suponhamos que é a de Faro. A Comunidade de Faro, gastando 1.000 moios, só colheu 700. Lá estão os 300 de Alentejo para suprir essa falta. Mas os 5.000 comunistas de Alentejo, consumirão durante o ano 500 arrobas de feijo. O terreno da região, porém, é refractário à cultura do feijo necessitado. O que é que farão então inteligentemente os comunistas de Faro? Farão o que fará toda a gente que tenha miolo: fará uma troca. Sim, dará à Comunidade de Alentejo os 500 arrobas de feijo, como a Comunidade de Faro dará de Faro os 300 moios de trigo que lhe sobram.

O egoísta, criminoso para cujo delito não chegam todos os suplicios até hoje inventados, responde-me aqui do lado: «Não! Os comunistas de Alentejo entregaram o trigo de Faro-lhe mandaram o dinheiro preciso». Maldito egoísmo! Acanalhado dinheirinho! A inteligência e a bondade, tendo escutado com atenção a fala perigosa do egoísta, respondem: «Não, mil vezes não! Em comunismo não há dinheiro nem há venda! Há solidariedade! Há amor! Há jorros em todas as almas, inteligência normal em todos os cérebros, afecto sentido em todos os corações! Em comunismo não se dá as coisas, contrário do que sucede em regime de propriedade individual, base segura de todos os roubos!»

Exemplifiquemos mais: A Comunidade de Moura precisa de uma boa máquina de impressão, com o fim de facilitar o trabalho de escrita, que é um suplicio quando feito à mão, continuado. Como proceder? Desse modo: Telefona-se de Moura para Lisboa, perguntando se a Comunidade de Lisboa, já consegue fabricar a máquina desejada. Detenha-se um pouco o leitor, que naturalmente se a matutar na dificuldade de se telefonar para Lisboa, de uma maneira tão simples. A dificuldade é de hoje. Existe hoje. Hoje existem dificuldades para tudo, menos para os governantes traírem sua missão. Isso, essa traição, é que se faz com admirável facilidade. No futuro tudo será facilitado. Estando todas as Comunidades ligadas telefonicamente, que dificuldade haverá em fazer uma pergunta para Lisboa, de onde a resposta pode vir em curtos minutos?

A resposta, pois, vinda da capital, será simples: «Há». «Não há». Se há, vem para Moura, em curtas horas, o engenho reclamado. Se não há, das duas uma: ou se espera um pouco que se fabrique em Lisboa, ou, não tendo Lisboa elementos de fabricação, requisita-se de qualquer outra Comunidade do Universo. «Mas quem paga isso?», está-me aqui dizendo estupidamente o crasso erro de séculos. Deixem-me responder-lhe: «Não há paga; há troca. Os comunistas de Moura mandarão, quero dizer, darão aos comunistas fabricantes da máquina, o seu excelente azeite, o engenho e de tão boa qualidade que lhe supponha a virtude de poder desempenhar o cérebro doentio do pateta que está aqui ao lado a fazer perguntas de palmatória...

GONÇALVES CORREA

Sobre as últimas prisões

UMA BIZARRA TEORIA...

Apesar de decorridos já os oito dias — completados ontem — continuam presos os dez camaradas que ficaram ainda detidos depois da libertação dos outros que com eles foram presos por ocasião dos assaltos feitos à União Operária Nacional, Federação da Construção Civil e Juventude Sindicalista.

Não há contra eles absolutamente nenhuma acusação que proceda ou que tenha consistência estando precisamente na situação dos que foram restituídos à liberdade. Alguns mesmo, mais recentes na vida sindical ou menos activos, dotados de menos espírito combativo, exercendo, portanto, uma menor influência no movimento operário, com dobrada razão, com maior justiça deviam ter sido libertados no mesmo dia em que muitos outros foram.

Mas se esta injusta impressão, se esta iniquidade revolta, a impressão e a revolta sobem de ponto quando se verifica que o governo procede em pleno arbitrio, despojado de disposições legais em vigor, conservando presos, por mais de oito dias, as vítimas que ao acaso tomou para cevar os seus ódios de reacção e para procurar mascarar o tremendo fiasco da última fila policial e militar.

Além disso, outros camaradas, como já dissemos, foram posteriormente presos e igualmente sem o menor motivo a justificar o arbitrário procedimento.

Tem a U. O. N. procurado conseguir a libertação dos camaradas detidos. Como era natural, e como sempre aconteceu quando alguém é preso, entregou-se o caso a um advogado. A U. O. N. tem um organismo criado há pouco de um ano: é o Conselho Jurídico. A este organismo compete tratar de tudo o que, sob o ponto de vista jurídico, interessa à organização operária. Esse Conselho contratou um advogado. E' ele o nosso amigo dr. Sobral de Campos. E' o que sucede com particulares, com Companhias e com o Estado que tem o seu ou seus advogados — às vezes bem numerosos e largamente remunerados.

Sendo assim, entregou-se o caso ao advogado, ao dr. Sobral de Campos, o qual, como por outras vezes, com outros governos, como já mesmo com este, iniciou as suas demarches no sentido da libertação dos camaradas presos.

Não tem sido, porém, para o advogado da U. O. N., livre de dificuldades o caminho, porque o presidente do ministério, que, com a capa de democrático, não passa de um espírito acanhado e reaccionário de militar, não teve dúvida em manifestar estranha pelo facto de um indivíduo, que é funcionário do Estado, aparecer, como advogado, a tratar da defesa de indivíduos que um governo mandou prender!!

Não teve dúvida o reaccionário homenzinho em manifestar esta estranheza e em desenvolver a bizarra teoria, exemplificando com alguns casos. Esqueceu-se, porém, ao que nos consta, de entre os exemplos, citar e colocar em lugar de honra, o seu caso próprio de, sendo militar, conspirar e se insubordinar contra determinados governos e situações políticas.

Respondendo-lhe e argumentou com ele o nosso amigo dr. Sobral de Campos, manifestando-lhe, por sua vez, a admiração por tal estranha opinião, fazendo-lhe notar que todos os anteriores governos sempre o haviam recebido, ouvido e atendido, que ele próprio, ministro, já o fizera, ordenando o regresso dos deportados, e que se encontrava ali no pleno desempenho das suas funções de advogado. Todavia, se ele, ministro insistisse em manter aquela estranha atitude, não tinha dúvida — no intuito de bem defender os interesses legítimos dos que o haviam escolhido para seu advogado — em sublevar as procurações num colega que aceitasse o encargo e com o qual o presidente do ministério quizesse tratar.

Respondendo-lhe o sr. Sá Cardoso que não, que não é preciso tal, tanto mais que a um outro advogado ele não diria mais nem coisa diferente do que dizia a ele, consultor jurídico da U. O. N. e que era o seguinte:

«Os presos não seriam mandados para fora do país. Estavam presos preventivamente. E' certo que ele, ministro, estrançava um movimento que estava para se dar; mas, como está informado de que outro se forma, reputa conveniente manter as prisões!»

Estamos, pois, à mercê de um governo que vive apavorado e que tem a sua frente um homenzinho sem visão, sem cultura, pequeno espírito de reaccionário fardado, que invoca a lei e se firma no arbitrio conservando na prisão, por mais de oito dias sem culpa formada, homens contra os quais não procede de menor acusação.

Voltaremos ao caso. E voltaremos com dobrada azeite.

Continuação a verificar-se a mesma irreducibilidade de ambas as partes

Longe de solucionar-se, o conflito mantém-se no mesmo pé: a Companhia e o governo não querem ceder ante as reclamações dos grevistas, estes firmes na resistência. Entre o pessoal ferroviário que animosamente batalha pela consecução de algumas regalias que outros assalariados já disfrutam, o que significa que não são exageradas, destaca-se o pessoal da tracção, nomeadamente os maquinistas e os fogueiros, que tendo firmado um pacto de honra perante o Sindicato Ferroviário da C. P., tem mantido o compromisso com uma grande dignidade, tendo a sua atitude produzido forte impressão não só entre o público, mas também entre os camaradas grevistas dos outros serviços, que estavam habituados a ver naqueles trabalhadores, exactamente porque eram dos que melhores salários auferiam e dos que, por virtude do seu penoso trabalho, menos frequentavam o Sindicato, operários com cuja acção se não podia contar para os movimentos de greve.

Pois é exactamente o pessoal de tracção, aliado ao do movimento e ao das oficinas, que na presente greve tem dado a melhor nota, confiando os grevistas na sua comprovado espírito de resistência para o triunfo do movimento.

Nota oficiosa do Comité Central

Cá estamos e estaremos até que o governo pense em nos dar as nossas poucas reclamações. Até que, enfim, já os jornais da grei governamental principiam a dizer as verdades do caso em que se encontram os serviços ferroviários, por estes não serem executados por aqueles que se encontram em greve, mas sim por militares que o público aguenta sem protesto. O Diário de Notícias é que diz a verdade, naturalmente por achar que não deve encobrir por mais tempo o que há muito devia pôr a descoberto. São edificantes estas provas, que confirmam o que já dissemos: Os grevistas ainda não de ter razão, porque o pior está para se ver.

Sobre a nossa mesa de trabalho acabam de aparecer dois bilhetes de Torres Novas a Mato de Miranda, cujos portadores vieram gratuitamente até Lisboa e tem mesmo os respectivos bilhetes foram revistados que tem os n.ºs 1954 e 4955. Então não havia um militar que os visse? Esperassem para hoje que dos revisores que se apresentaram algum devesse haver que faça o serviço bem feito.

E está completamente regularizada a circulação dos comboios e mais serviços não é verdade, governantes?

Pobre público que tão mal se serviu! E' falso que o camarada João Simões, do Cacem, denunciase o camarada Abreu, telegrafista, ao segundo chefe da força, pois que este segundo chefe, com aquela oficial, sendo a sua apresentação ao serviço feita de livre vontade. O pessoal de Torre das Vargens está firme e fiel à luta, assim como o do Entonamento, que nos manda boas notícias e nos incitam na continuação da greve até que nos seja dado o pouco que se pede.

Agradecemos ao chefe Costa de Sintas o dizer ao director Ferreira de Mesquita que não satisfizesse as nossas reclamações, pois que a fome nos havia de render. Esperem por isso.

A C. P. mostra-se satisfeita por se ter apresentado o maquinista conhecido pelo «Tripeiro», dando-lhe este comité e a classe os seus mais sinceros parabéns pelo achado.

Foi preso pela guarda fiscal, em Campolide, um dos novos empregados da C. P. por levar às costas uma vala-vala com o peso de 50 quilos, e que tinha sido roubada.

Encontra-se preso no governo civil, por ordem da Companhia ou outra qualquer entidade, um dos novos empregados da C. P. por se ter adeantado com uma mala no valor de 200\$00. Vejam e apreciem que terão muito que ver.

Nestes casos vemos dar força aos grevistas, e demonstram bem a falta dos profissionais. Mas o governo assim o quer.

Avante! Sete mil empregados em greve com a maior coragem e serenidade, podem continuar arrostando com todos os obstáculos.

Salve classe forte e resoluta! Viva a greve geral!

O Comité Central

...E os comboios chegam à tabela

O comboio rápido do Porto chegou na madrugada de ontem com cinco horas de atraso. Apenas cinco horas...

Incoerências da C. P.

Pela direcção geral da C. P. acaba de ser dirigida ao pessoal ferroviário, uma circular, a n.º 368 E, datada de 5 de Agosto de 1919, determinando que não sejam readmitidos ao serviço os membros da comissão que formulou as reclamações, considerando-os como incitadores à greve, o mesmo sucedendo aos sabotadores. Causou essa circular grande estranheza entre todos os grevistas, pois quem ordenou a eleição dessa comissão foi a própria Companhia, eleição que se efectuou no edifício da estação de Santa Apolónia, no dia 10 de Setembro de 1918, tendo da comissão o resultado na circular n.º 1057, de 24 de Setembro de 1918, elegendo o pessoal dos escritórios três representantes seus à referida comissão. Do que se conclue, que a C. P., na sua fúria de tudo e todos perseguir, até esquece o que ainda há bem pouco ordenou...

A GREVE FERROVIÁRIA

E os serviços estão normalizados...

Como dissemos, no domingo, às 9 horas, seguem no destroyer Douro para o norte os passageiros que estão inscritos no ministério da marinha para esse navio.

Os restantes, que não puderam obter lugares, por excederem a sua lotação, deverão dirigir-se à direcção dos transportes marítimos do Estado (travessa dos Remolares) até o dia 9 do corrente, em que termina a validade da lista dos inscritos, que do ministério da marinha foi enviada para aquela direcção, a fim de seguirem viagem no vapor Viana, que deve partir para o Porto no dia 12 do corrente.

Informam-nos que um dos destroyers já pagou de carvão, no Porto, 11 centos e tal e em Lisboa 18,70\$00. Isto só no mês de Julho e em carvão gasto apenas por um navio, porque o interessante seria saber-se quanto nos custará a casmurria do governo e da Companhia.

Recebemos a seguinte carta, cuja publicação nos é pedida:

Sr. redactor. — Com o fim único de esclarecer a minha intervenção na questão ferroviária, eu, que não preciso dizer nos ferroviários quem sou, apesar de alguns que o ignoram me chamarem, impoz-me a ingrata missão de fazer sair a questão ferroviária do gachis em que a precipitaram a intransigência das, a desorientação de outros, a ignorância de muitos e a má-vontade de todos.

Para isso consegui uma sincera e alta apresentação para o sr. presidente do ministério, a quem expus uma plataforma que, se, se comprometeu a submeter à Companhia, dizendo-me que fosse buscar a resposta das 14 horas de ontem, 6, ao ministério do interior, o que necessariamente fiz. Devo acrescentar que do conhecimento da plataforma da minha autoria ao sr. José das Neves, a quem igualmente pedi para convocar a classe, a fim de se lhe comunicar a resposta que eu viesse a obter do sr. Sá Cardoso.

Essa resposta, porém, desconcertou-me, fundamente, de não ficarem sem alente para ir eu próprio comunicá-la à assembleia. Todavia, como era de meu dever, disse no respectivo presidente, sr. António de Almeida, que já fizesse acerto, dessa resposta, a qual vinha a ser que a Companhia mantinha de pé o Orden n.º 123 com quatro emendas de somenos importância.

Depois destas explicações, creio que devo ficar arrependido daqueles que, me dando mal o seu julgamento a meu respeito, me chegaram a supor capaz duma tal coisa.

De v. etc., Leopoldo Fernandes.

Não duvidamos que os intuitos do autor desta carta fossem bons, mas o recuo de que lançou mão e as condições em que o fez são, em nosso critério, indesejáveis.

A cosinha comunista

Importâncias entradas no dia 6 do corrente.

Quete a bordo do vapor Gaza, 5\$15; quete do pessoal operário do governo civil, 5\$00; João Mendes, lista 128, 1\$10; anónimo, lista 132, 2\$00; pessoal do Arsenal do Exército, lista 112, 46\$35; Joaquim Nunes Bicho, factor C. Branco, 2\$50; tipógrafos do jornal A Capital, 1\$00; quete da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra, 3\$45; quete aberta na Sociedade Estoril, 2\$30; camarada António Tavares, 2\$50; uma vinha da Cosinha Comunista, 5\$00; Castro Fazendeiro, 1\$00. Soma 90\$95

Oferta de géneros

Chefe de B. Prata, uma saca de grãos Jesuina Flores, 3 quilos de batatas; fazendeiros de Chelas e Marvila, uma porção de hortaliça.

U. O. N.

Aos organismos sindicais

A C. A., em sua última reunião, apreciou um officio do comité central do sindicato ferroviário da C. P., sobre a marcha do movimento, sendo o seu texto objecto da máxima atenção.

A C. A. resolveu recomendar a todos os organismos sindicais — e fê-lo por esta forma — que contribuam com o máximo da sua solidariedade material para a Cosinha Comunista dos grevistas ferroviários, os quais, pela sua presente attitude, bem merecem o auxilio do proletariado organizado.

A questão do pão em Europa

EVORA, 6. — Tudo normalidade. As forças retiram aos quartéis e o sossego é absoluto. Muito louvado o serviço das forças militares, especialmente o da Guarda Nacional Republicana, que devida em companhias sob o comando do afeeres Camaradas de Campos, Mariano e Gaspar é digna dos maiores louvores, pela forma que dirigiu todo o serviço, não provocando distúrbios, pela urbanidade com que procedeu.

O pão está sendo vendido a 222 e, com a actual tabela de preços, é impossível diminuir.

Por Espanha

Greves sangrentas — O governo vai encerrar a Casa do Povo, em Valência?

VALENCIA, 8. — Várias indústrias estão sendo prejudicadas pelas greves dos seus numerosos operários. Os grevistas mataram três amarelos, concluiu, o número destes aumentou diariamente. A casa do povo do bairro vai ser fechada por ordem governamental. — A.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Registamos hoje aqui mais uma lista de donativos destinados a auxiliar a comissão instaladora deste jornal, na sua maior expansão e engrandecimento. Como nota curiosa e demonstrativa do muito amor que o proletariado tem pela Batalha, figura a quantia de \$75, das camaradas das obras da Tutores da Infância, para a qual contribuíram 38 operários que tem por costume adquirir este jornal e que num dos dias em que foi impedido de circular, por o não poderem adquirir, deliberaram contribuir com essa quantia a fim de amortizar os prejuízos materiais dessa violência resultantes.	2.001\$45
Transporte	\$70
Tutores da Infância	\$6325
Obra do Dep. de Praças da Armada	\$1900
Academia Alentejense (quete)	\$500
Associação Anticinese de Silves	\$10
Um grupo de operários	\$30
João Lampa (Mombaja)	\$40
3 ferroviários	\$150
Carlos Campos	\$50
Quete em Chaves	\$7500
Alberto Duarte	\$7500
Para um manifesto (Evora)	\$1500
50 0/0 da recita na S. Musical	\$76
Instrução e Liberdade	\$76
Operários da Tutores da Infância	\$76
Total	2.041\$44

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

Aos operários da Construção Civil

A fim de que os camaradas ferroviários sejam auxiliados na sua luta contra os seus algozes, a Federação da Construção Civil distribuiu listas para angariar donativos a favor daqueles camaradas, recomendando que esta semana se faça o máximo esforço material em todas as obras, pois que da vitória dos ferroviários todos teremos a ganhar.

A Federação.

II Congresso Nacional Operário

Continuam afluindo à sede da U. O. N. e dirigidas à Comissão Organizadora do II Congresso Operário Nacional, informações de vários sindicatos, todas elas no sentido de coordenar os trabalhos. Conforme já dissemos, tudo se acha pronto para a efectivação do Congresso, faltando apenas a fixação da data da sua realização, o que se fará imediatamente à terminação da greve ferroviária.

A comissão mais uma vez lembra aos sindicatos aderentes a necessidade de contribuírem com \$100, como cota suplementar, para as despesas a fazer com o Congresso de Coimbra, ficando sem efeito, como temos dito, a de mais \$01 por associado para ocorrer das despesas com a ida do delegado ao Congresso Internacional, em virtude da impossibilidade de a ele assistir o delegado directo.

Nos primeiros dias da próxima semana será publicada a relação dos sindicatos aderentes ao Congresso e os nomes dos seus delegados, directos ou indirectos.

Foi recebida mais uma adesão: a da Associação Marítima e Fluvial da Madeira (Viana do Castelo), tendo o Sindicato dos Insulscos Marítimos de Lisboa pago a cota suplementar de \$100.

EM "DEMOCRACIA" Presos por questeões sociais

Continuam ilegalmente encarcerados os camaradas vítimas da repressão republicana-burguesa

A's ordens do democrático governo do sr. Sá Cardoso continuam no quartel do Carmo e nos calabouços do governo civil, os camaradas a que nos temos referido nos últimos números. Mais de oito dias contam de prisão todos os camaradas encarcerados na Bastilha do Carmo e alguns dos que se encontram no governo civil, e ainda não tem culpa formada, devendo já ter sido restituídos à liberdade, a cumprir-se o que determina a lei. Tanto temos protestado contra essas arbitrárias prisões e tão inúteis tem sido os nossos protestos, que já nos falece o ânimo para mais uma vez gritar que é iníquo, brutal, revoltante o procedimento do governo, do governo de uma República que se porta mais miseravelmente para com os trabalhadores do que as mais reacçãoárias monarquias. Eles lá continuam, sem que lhes deem a menor satisfação pela violência de que são vítimas, arrastados ao trabalho e a suas famílias, tratados pior que criminosos, pois a esses permitem que falem com os entes que lhe são queridos, o que não sucede com os presos do Carmo, a quem negam qualquer comunicação com o exterior! Regressamos aos tempos do mais feroz absolutismo. Governar o arbitrio e a violência. Qualquer cidadão, ainda o mais indifferente às lutas sociais, está sujeito a ser arrastado para um carcere lobrego, sem que satisfações lhes deem de tal acto. Respira-se uma atmosfera de terror e de opressão. Vivemos, positivamente, como se Portugal estivesse sob o domínio de um rei absoluto e a Inquisição ainda existisse, prendendo e torturando a seu belo prazer.

Para que protestar? Para que gritar que é uma infâmia inaudita o que se está passando com os presos? Se as massas proletárias descerem à praça pública a sancionar o nosso protesto, os governantes contam com o argumento decisivo das patas dos cavalos da guarda republicana e com as metralhadoras. Com fogo e balas abafará, em nome da tranquilidade pública que não é mais que a manutenção da orgia ininterrupta em que os políticos vivem, todos os protestos, toda a rebeldia. O povo trabalhador só com uma violência máxima conseguirá fazer abrir os cercos onde estão sepultados os operários vítimas da repressão burguesa e capitalista.

Sempre assim foi. Quando o terreno lhes tremia debaixo dos pés, quando lhes pretendem arrancar a gamela, os governantes republicanos apelam para o povo trabalhador. E ele, em todas as circunstâncias, tem sempre respondido a esse apelo, lançando mão das armas, batendo-se com denodo, ofertando o seu sangue, esperando em que com o seu sacrifício a República se torne mais tolerante, mais liberal, mais aberta a

Um testemunho da força dos revolucionários russos

Aos nossos leitores ofertamos este bocadinho de prosa literalmente vertido do diário madrileno El Dia, do pretérito dia 4 e que, surpreendentemente acrescentado, pelo espírito retintamente conservador do referido periódico, constitui um depoimento insuspeito:

«E' sobremaneira interessante a seguinte informação do correspondente especial na frente da Estónia, do diário inglês Manchester Guardian, que conseguiu transportar as linhas bolchevistas e viajar nas terras russas por Pskof, acercando-se de Moscou a uma distância de 200 milhas:

«E' inexacto que os aldeões se recusam a cultivar a terra; pelo menos, no sector que visitei, as searas ofereciam um brilhante aspecto, e em breve começará a colheita. Os ferroviários e as estações encontram-se em bom estado e a administração trabalha normalmente.

Em Ostrov, grande número de tabernas estão fechadas; porém, os depósitos dos Sovietes, que anteriormente pertenciam à Cooperativa, distribuem os artigos de primeira necessidade. Os banhos são gratuitos. Funcionam os teatros e a eles acorre numeroso público. O aspecto da campina é tão diverso do que ouvia dizer que me causou uma surpresa enorme. A impressão do conjunto é a de uma administração governamental baseada no comunismo e adaptada às circunstâncias locais. Os seus pontos mais melindrosos são a questão das terras e o recrutamento do exército, em cujas fileiras há sempre descontentes. Mas, por outro lado, os inimigos da Rússia fortalecem muito a resistência interior e o regimen bolchevista.

Petrogrado não cairá nas mãos dos seus adversários, nem Moscou nas de Koltchak ou Denikine.

No Porto

A greve da Carris ainda sem solução

PORTO, 6. — Nada está ainda resolvido quanto à greve do pessoal da Companhia Carris, porque este não aceita a proposta de 30% que a Companhia aumenta nos primitivos vencimentos.

